

# O GALO E A CORUJA CUPINZEIRA

Celeste Krauss

Ilustrações:  
Fabiana Martins



## E-livro

### FICHA CATALOGRÁFICA

Celeste, Krauss

O galo e a coruja cupinzeira/Celeste Emília Krauss  
Guimarães

Antônio Carlos Guimarães [organização e revisão]

Lambari: Edição do Autor; Belo Horizonte: Antônio Carlos  
Guimarães - 2013.

1. Literatura infantil.....I. Título

CDD –  
CDU –

Ilustrações: Fabiana Martins



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/). Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

# O galo e a coruja cupinzeira

Crianças que moram nas cidades grandes conhecem muitas coisas: cinema, shoppings, *Mac Donalds*, museus. Já viram avião a jato no chão, de pertinho. Andam de carro por avenidas enormes, com quatro, cinco, seis pistas. Sem falar dos túneis para os carros passarem por baixo das avenidas. Mas nas cidades pequenas a



vida é diferente. Por isso, quando Léo e Rafa foram passar férias na casa dos avós, que moram numa cidade pequena, logo notaram as diferenças. As ruas têm poucos carros. As pessoas andam em carros e também em charretes, que parecem gaiolas puxadas por cavalos, e outras pessoas montam no cavalo para fazer suas compras ou ir de um lado para o outro. Avião a jato, de pertinho mesmo, poucas pessoas já viram, quando foram passear na cidade grande. Lá também não tem *Mac Donalds*, mas tem hambúrguer caipira, da barraquinha do Biguá, a mais famosa da cidade. Shopping e cinema também não tem não. Os meninos brincam o dia inteiro é



de andar de bicicleta, rodar pião, jogar bolinha de gude, soltar pipa lá no morro, no lugar mais alto da cidade, chamado Pasto do Fubá. À noite, alguns meninos jogam videogame, mas a brincadeira mais gostosa é o pique-esconde na rua ou então a queimada.

Mas a grande novidade para Léo e Rafa veio mais tarde, de madrugada. Era a primeira noite que eles dormiam na casa do vovô. Eles estavam realmente cansados, pois, além da viagem, eles tinham aprendido a empinar pipa.



Eles deitaram e dormiram num instantinho. Três horas da manhã um barulho estranhíssimo acordou o Léo. Era um barulho assustador. Não era aquele barulhão do caminhão que pega o lixo de madrugada e nem era o barulhão dos ônibus que passam perto da sua janela lá na cidade grande. Era uma coisa horrível, que o Léo nunca

tinha escutado antes. Ele ficou em pânico. Primeiro, berrou tanto que acordou o irmão, o Rafa. Depois o Rafa também escutou aquele barulho horrível e, como eles são gêmeos, o que um faz o outro faz igual, começou a chorar também.

Toda a família correu para o quarto dos meninos para saber o que estava acontecendo. Léo contou sobre o barulho que ouvira. Mas como pode ser um barulho tão assustador, se ninguém mais ouviu?



De repente, Léo e Rafa ouvem de novo aquele som: CÓ CÓ RI CÓ. Foi outra choradeira. *Ouviram isso? É esse barulho horrível que me acordou*, disse o Léo.

Não adiantou a mamãe, o papai, a vovó, o vovô explicarem que era o galo da vizinha que estava cantando. Todos os galos do mundo cantam de madrugada, para anunciar que o dia está chegando, disse o pai dos meninos. Os meninos eram pequenos e só conheciam galos e galinhas ou de livros ou de longe,

quando passavam por alguma casa de campo. Léo e Rafa sabiam que os galos faziam CÓ CÓ RI CÓ, mas nunca tinham ouvido aquele som, bem debaixo da janela do quarto.

Todas as explicações possíveis foram dadas e nada fez Léo mudar de ideia. Ele tinha medo daquele barulho e pronto! Não conseguia dormir. O Rafa até que dormiu um pouco. Mas cada vez que o galo cantava, o Léo chorava. E aquele galo cantava muito, muito, muito...



Depois que o dia amanheceu o avô dos meninos teve uma ideia. Ele foi até a casa do vizinho e apresentou o galo, a galinha e os pintinhos aos gêmeos. Contou que o galo era o papai, a galinha a mamãe e que os pintinhos eram os filhinhos. *Mas fala para esse galo parar de gritar de noite vovô*, disse o Léo. *Eu não aguento o grito dele. Eu tenho medo!* O vovô então explicou que, no pasto acima da casa, tinha um cupim bem grande, com um buraco no meio e dentro dele morava uma coruja enorme. É a coruja cupinzeira. E corujas, como todos sabem, gostam de comer ratinhos,

cobrinhas, insetos. E gostam de sair para caçar esses bichinhos, à noite. Por isso, de madrugada, quando todos estão dormindo, a coruja vem até aqui neste quintal tentar pegar bichinhos, e a mamãe galinha, assustada, então, acorda o galo. E o papai galo canta bem alto CÓ CÓ RI CÓ, para espantar a coruja. Ah!... então ele grita assim

*para proteger seus filhinhos, disse o Rafa. Então, Léo, você não precisa mais ter medo.*

Os meninos brincaram o dia todo com as novidades da cidade do vovô. Andaram de bicicleta, aprenderam a jogar queimada, conheceram um monte de primos e primas.





À noite, bem de madrugada, de novo o CÓ CÓ RI CÓ... e de novo o Léo a chorar de medo do canto do galo. O vovô lembrou a ele que o galo fazia aquilo para proteger seus pintinhos, com medo da coruja cupinzeira. Ainda chorando de medo, Léo teve uma ideia. *Amanhã, vovô, bem cedinho, você leva a gente para espantar essa coruja cupinzeira daqui. Vamos jogar uma pedra nela para ela ir para bem longe e não perturbar mais a galinha, o galo e os pintinhos – ele disse.*

Na manhã seguinte, Léo e Rafa já estavam preparados para espantar a coruja cupinzeira. Cada um levava uma pedra nas mãos e com a outra mão eles seguravam na mão do vovô. Eles foram caminhando na direção em que ficava o cupim grande e falando o que iam fazer com



aquela coruja cupinzeira malvada. *Eu jogo a minha pedra primeiro, Léo, e depois você joga a sua. Essa coruja vai sumir daqui e nunca mais vai*

*voltar.* Quando eles chegaram mais perto do enorme cupim, eles viram a coruja cupinzeira. Ela era grande e

havia três corujinhas pequenininhas junto dela. O vovô explicou que eram os filhinhos dela. *Ela tem filhinhos???!!!* Perguntaram os dois meninos de uma vez só. *Tem, igual aos outros bichos,* disse o vovô. Nesse momento as duas pedras rolaram das mãos de Léo e Rafa. Eles chegaram mais perto e a coruja mãe deu um piado forte e voou para uma árvore perto do cupim. As três corujinhas começaram a bater as asinhas e duas conseguiram voar. Uma menorzinha não conseguiu subir e, com medo dos meninos e do vovô, correu para dentro do buraco do cupim.



Foi então que o Léo falou: *A coruja tem filhinhos... então nós temos de proteger ela também, porque ela protege os seus filhinhos, igual o galo protege os pintinhos. Vamos embora, vovô. Deixa a coruja cupinzeira cuidar dos filhinhos dela.*

À noite, quando o galo cantou CÓ CÓ RI CÓ, o Léo acordou e já ia chorar de novo, mas ele se lembrou do que tinha acontecido de manhã e ficou pensando assim: o galo está cantando para proteger os pintinhos, a coruja protege as corujinhas, o cachorro protege os cachorrinhos, o porco protege os porquinhos, a vaca protege os bezerrinhos, o pa... pai... prote... ge os... fi...lhi..nhos... z z z z  
z z z z z Z Z Z Z Z Z Z.

E daquela noite em diante, apesar do galo cantar a toda hora, todos puderam dormir em paz...



*Fim*